

SER PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: qual a responsabilidade?

Prof. Me. Marco Antônio Duarte¹
FATEC Guaratinguetá
mcauarte@uol.com.br

Resumo

Este artigo é fruto de uma reflexão teórico-prática sobre o tema Ser professor universitário: qual a responsabilidade? O primeiro capítulo apresenta o contexto do mundo atual marcado por um conjunto de graves e profundos problemas que se manifestam explicitamente através da crise social, da crise do sistema do trabalho, da crise ecológica e que tem como fundamento primeiro uma base antropológico-ética. É uma crise que cobra do professor universitário uma posição, uma postura, uma decisão no que concerne à formação que pretende oferecer aos seus alunos. O segundo capítulo traz uma reflexão sobre o lugar da universidade neste contexto de crise e chama a atenção para a importância e o dever de formar, principalmente em lugares como o Brasil, profissionais que atendam às exigências do mercado e, ao mesmo tempo, possam pensar a realidade para além da lógica mercadológica. No terceiro capítulo, depois do caminho trilhado, ganha força a imperiosa responsabilidade do professor universitário diante da crise do mundo atual e do seu papel no interior da universidade. A partir daí, procura-se destacar algumas características principais do professor responsável. Deixando claro, inclusive na conclusão, que o professor responsável é alguém que acredita, sem ingenuidade, na contribuição que a educação pode dar para transformação desta realidade crítica.

Palavras-chave: Crise, Transformação, Universidade, Professor, Responsabilidade.

Abstract

This article came up from a practice theory reflection on the theme Being a University Professor: Which is the Responsibility? The first chapter presents the current context of the World signaled by a set of deep problems that are brought up by means of the social crisis, of the labor system crisis, of the ecologic crisis that have as a first base the ethic-anthropology. This is a crisis that demands a position from the University Professor, a posture, a decision that concerns to the education intended to the students. The second chapter brings a reflection on the place of the University in this crisis context and calls the attention to the importance and the duty of teaching especially in places like Brazil. It is important to answer the claims of the Market and at the same time lead the students to think the reality beyond its marketing logic. In the third chapter after the tracked way, the imperative responsibility of the University Professor gets power facing the actual World crisis and this role takes place in the interior of the University. From this point on, it searches some of the outstanding characteristics of this responsible professor. It clearly stands, mainly in the conclusion, that the responsible professor is someone who believes without ingenuity in the contribution that education can give to the transformation of this crisis reality.

Keywords: Crisis, Transformation, University, Professor, Responsibility.

¹ Professor da FATEC de Guaratinguetá. Texto adaptado de participação do autor no I SEDIES, Seminário de Didática do Ensino Superior, realizado no UNISAL de Lorena, no dia 29 de maio de 2010.

Introdução

O mundo contemporâneo apresenta-se como um lugar marcado por grandes e graves problemas culturais, sociais, ambientais e, enfim, humanos. Muitos autores caracterizam o mundo atual como um tempo de crise profunda; uma crise de proporções jamais vista na história da humanidade, pois o gênero humano efetivamente se vê ameaçado de extinção. Toda a problemática ambiental adicionada da violência de toda ordem e, sem dúvida, do perigo nuclear ainda existente, demonstram que, de maneira diferente de outros momentos da história, o ser humano encontra-se numa situação de crise inigualável.

É neste ambiente complexo e de crise profunda que o professor universitário é chamado, a partir de seu ofício de mestre, a dar uma resposta. Perguntas como: Qual é o papel social da universidade (ensino superior)? Qual é o papel do professor universitário neste início de milênio? O que significa, em função dos desafios do mundo contemporâneo, a arte de ensinar? São fundamentais para uma prática pedagógica lúcida, reflexiva, crítica e, acima de tudo, responsável. Destarte, estas são as principais questões colocadas como objetos deste texto. Antes, porém, vale a pena um maior aprofundamento do contexto no qual o professor universitário, seus alunos e a própria universidade estão inseridos.

1 Uma breve visão contextual do mundo contemporâneo

Não é possível entender, discutir ou analisar o mundo hodierno prescindindo de todo o processo histórico que o engendrou; e essa trajetória trilhada, principalmente, pelo Ocidente está diretamente ligada ao progresso científico-tecnológico construído pela humanidade nos últimos três séculos que trouxe, inegavelmente, um salto de qualidade em muitos setores da vida humana, entretanto o custo tem sido pesado demais. Um olhar mais rigoroso sobre a história desse mesmo período acaba evidenciando as contradições que marcaram o caminho da ciência e da tecnologia na condução da vida humana.

Enfim, sabemos cada vez mais que o progresso científico produz potencialidades tanto subjugadoras ou mortais quanto benéficas. Desde a já longínqua Hiroxima, sabemos que a energia atômica significa potencialidade suicida para a humanidade; sabemos que, mesmo pacífica, ela comporta perigos não só biológicos, mas, também e, sobretudo, sociais e políticos. Pressentimos que a engenharia genética tanto pode industrializar a vida como biologizar a indústria. (MORIN, 1999, p.18)

A necessidade de se construir uma ciência com consciência, como adverte Morin (1999), é a mesma que, sem dúvida, vale para a humanidade na totalidade de suas dimensões existenciais. Só assim o gênero humano poderá superar os desafios gigantescos impostos pela crise que ele mesmo criou.

O fato é que a crise, como a preconiza o filósofo espanhol Ortega y Gasset, é um momento histórico em que não muda algo no mundo, mas em que o mundo inteiro muda. (apud TELES, 1996, p. 63)

Esta visão a respeito da crise elucida com muita clareza o tamanho da tarefa que todos aqueles que lutam por um mundo melhor têm pela frente. De que maneira a geração atual pretende deixar o mundo para as gerações futuras? Qual o grau de compromisso da geração atual com a casa em que vive, ou seja, o planeta Terra? Estas e tantas outras perguntas capitais, como buscar o sentido da vida, não podem faltar na prática pedagógica de um professor universitário comprometido com a transformação da sociedade.

Como colocou Cornélius Castoriadis – o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de questionar-se. Não formular certas questões é extremamente perigoso, mais do que deixar de responder às questões que já figuram na agenda oficial; ao passo que responder o tipo errado de questões com frequência ajuda a desviar os olhos das questões realmente importantes. O preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano. Fazer as perguntas certas constitui, afinal, toda a diferença entre sina e destino, entre andar à deriva e viajar. Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros e a nós mesmos. (BAUMAN, 1999, p.11)

Questionar e, sobretudo, mudar os fundamentos da civilização ocidental é uma das principais tarefas deste tempo de crise. Uma crise em todas as dimensões da vida humana.

De acordo com Boff (2003, p. 11), três problemas suscitam a urgência de uma ética mundial: a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica, todas de dimensões planetárias.

A crise social revela-se mais claramente através da desigualdade entre povos e nações e, sem dúvida, entre as classes sociais no interior de cada país, principalmente na realidade injusta e, até mesmo cruel dos países “em desenvolvimento”.

A crise do sistema de trabalho pode ser analisada de maneiras diferentes, conforme a realidade do país em estudo, mas dois problemas principais afetam os países desenvolvidos e em desenvolvimento, respectivamente: a natureza do processo tecnológico, que muitos sociólogos chamam de desemprego estrutural e o problema conjuntural de países que padecem de um grande atraso econômico.

Quanto à crise ecológica, este parece ser o problema, pelo menos no campo teórico, mais visível e mais discutido, pois se trata, inclusive, da sobrevivência da própria espécie humana.

Em última análise, a crise primeira que origina as demais é de natureza antropológica, ou seja, é uma crise de valores efetivamente humanos. Portanto, o ponto de partida para a correção dos rumos da civilização ocidental passa, necessariamente, por uma mudança paradigmática, ou seja, requer uma nova maneira de ver o mundo; uma nova maneira de produzir ciência e, principalmente, uma nova maneira de conceber o humano, seja no campo político, econômico, social, cultural e, especialmente, no campo da ética.

A antropológica instruí-nos a assumir a missão antropológica milênio: trabalhar para a humanização da humanidade; efetuar a dupla pilotagem do planeta: obedecer à

vida, guiar a vida; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão; ensinar a ética do gênero humano. (MORIN, 2000, p.106)

A provocação moriniana suscita uma profunda reflexão sobre o lugar da universidade como centro irradiador desses valores vitais para a humanidade

2 O papel da universidade no mundo atual

Ensinar a ética do gênero humano, eis uma das grandes tarefas da universidade na aurora do século XXI. Todos os professores comprometidos com a arte de ensinar não poderão prescindir deste fundamento, independente da disciplina ministrada. Antes de ser uma disciplina “técnica” ou “específica” deve ser uma disciplina humana, ou seja, ela só tem e terá sentido para a formação do humano. Para se formar o bom profissional de qualquer área é necessário aliar a sólida formação humana com a competência profissional.

Num mundo carente de reflexão e de questionamentos, a universidade tem um grande papel a desenvolver, ela precisa ter como um de seus objetivos principais o de formar pessoas na sua integralidade, isto é, formar seres humanos por inteiro. Antes de formar o profissional, a universidade tem o dever de formar a pessoa levando em conta a sua singularidade, seus sonhos, seus projetos, seus desejos e, é claro, deve instigar em cada pessoa o gosto pelo pensar, o gosto pelo inconformismo e, portanto, a busca da transformação de tudo que gera desumanidade, alienação e coisificação do humano.

Dentro dessa perspectiva Wanderley (2003, p. 76) traz uma reflexão bastante esclarecedora ao afirmar que a universidade é parte de um contexto global inclusivo que a determina e que, dependendo de seu funcionamento e sentido, ela pode colaborar na manutenção ou na transformação da sociedade.

O fato incontestável é que a universidade tem um grande papel a desempenhar no mundo atual, pois o acelerado processo de desenvolvimento tecnológico e a rápida difusão das informações e do conhecimento tornam a universidade um espaço fundamental para a preparação de pessoas competentes para atenderem às demandas desse novo tempo; mas conforme já foi discorrido anteriormente, a universidade deve preparar a um só tempo os profissionais que o mercado precisa e, principalmente, as pessoas de que o mundo precisa.

Contribuir na promoção de um mundo mais justo, mais equilibrado e com desenvolvimento sustentável são tarefas primordiais para a universidade.

O mundo conheceu, durante meio século, um desenvolvimento econômico sem precedentes. Sem pretender fazer um balanço exaustivo deste período, o que ultrapassa o quadro de seu mandato, a Comissão gostaria de recordar que, em sua perspectiva, estes avanços se devem, antes de mais nada, à capacidade dos seres humanos de dominar e organizar o meio ambiente em função das suas necessidades, isto é, à ciência e à educação, motores principais do progresso

econômico. Tendo, porém, consciência de que o modelo de crescimento atual depara-se com limites evidentes, devido às desigualdades que induz e aos custos humanos e ecológicos que comporta, a Comissão julga necessário definir a educação, não apenas na perspectiva dos seus efeitos sobre o crescimento econômico, mas de acordo com uma visão mais larga: a do desenvolvimento humano. (DELORS, 1999, p. 69)

A universidade não tem o poder político e, muito menos, um poder mágico para resolver todos os problemas da sociedade, mas pode dar uma significativa contribuição para a transformação do atual modelo político, econômico e social que dá corpo e sustentação ao mundo dito civilizado.

Sem ter ilusões quanto ao seu peso social nas transformações, nela se pode e se deve realizar, bem como em outras instâncias, o estudo e a pesquisa científica que preparem profissionais competentes para a política de ciência e tecnologia do país, para a crítica de teorias explicativas da realidade, para a crítica de modelos e projetos de desenvolvimento, para a formação da consciência social. (WANDERLEY, 2003, p. 77)

Esta concepção de universidade evidentemente exige um quadro de professores lúcidos, responsáveis e conscientes da magnitude de seu papel social.

3 O professor universitário responsável

É com esta ampla visão sobre o papel da universidade e de seu próprio papel que o professor precisa avaliar constantemente o seu trabalho. Perguntas como: O que significa ser um professor responsável? O que significa saber ensinar? O que é necessário ensinar? são fundamentais para o exercício consciente da docência no interior da universidade.

De um modo muito particular, num país como o Brasil, que precisa de uma política mais consistente de ciência e tecnologia e, sem dúvida, de uma universidade comprometida com a construção de um projeto de país, formando pessoas críticas e verdadeiramente conscientes de sua cidadania, contribuindo desta forma para o alargamento da democracia no país, o trabalho docente é primordial. Vale destacar, sem sombra de dúvida, que não existe neutralidade na prática docente. No fundo, as quatro dimensões da natureza da prática educativa são: a gnoseológica, a estética, a ética e a política. A prática educativa fecha essas quatro dimensões. Como educador, o professor faz política, então ele tem de se assumir politicamente. (FREIRE, 2005, p. 317)

Assim sendo, a prática pedagógica do professor universitário responsável precisa contemplar a competência técnica, o senso estético e o compromisso ético e político. Ao passar para os alunos o conteúdo de sua matéria, o professor carrega consigo a sua visão de mundo, os seus sonhos, as suas utopias, por isso não se pode falar em neutralidade de currículo. Não cabe ao professor fazer politicagem ou proselitismo, mas é imprescindível que o professor tenha consciência clara sobre todas as dimensões inerentes ao seu trabalho. Por tudo isso, torna-se patente a necessidade de sua formação permanente.

Para Snyders (1995, p. 107), é uma alegria encontrar uma pessoa que realiza a união de uma competência, de um conjunto de convicções e de uma experiência de vida. Esta afirmação reforça a idéia de que o professor responsável é aquele que tem compromisso com a formação integral do ser humano, isto é, tem um olhar e uma prática pedagógica que transcendem o mero conteúdo de sua disciplina. O professor responsável é aquele que percebe em cada aluno uma pessoa; pode-se dizer, com todas as letras, que o professor responsável é aquele que busca fazer do mundo um lugar melhor para se viver.

Os professores verdadeiramente responsáveis percebem a crise do mundo atual de duas maneiras: como um momento doloroso de passagem e, ao mesmo tempo, como um rico momento de oportunidades. E também têm a nítida percepção de que a universidade pode contribuir para fazer nascer um novo estado de coisas. Não a partir de um otimismo ingênuo, mas com base num otimismo crítico, ou seja, tendo a objetiva percepção dos limites e possibilidades da educação em geral, e da universitária em particular. Não é uma tarefa fácil, entretanto precisa fazer parte da utopia do professor responsável.

Os responsáveis: são aqueles que procuram dar uma resposta (daí responsáveis que vem de *responsum* em latim) adequada às forças em presença; aprendem do passado mantêm-se abertos ao futuro, não temem as rupturas necessárias, sem perder o sentido do todo; veem na crise chance de crescer, para isso mudar e decidir-se para ser mais. (BOFF, 1983, p.03)

Diante da crise social, do trabalho e ecológica, mas, sobretudo, diante da crise antropométrica, todos os professores responsáveis são chamados, através de seu trabalho, a dar uma resposta.

Ainda de acordo com Boff (1983, p. 03) a superação da crise se faz pela lucidez que identifica o nó problemático, pela decisão do corte que põe termo à decomposição e pelo projeto novo adequado ao chamado da hora.

Com base nesta exposição, os desafios do trabalho docente são extraordinários, pois exigem profundas reflexões: Qual o sentido da aula? Como deve ser realizada a arte de ensinar? O que se deve ensinar? E como se deve ensinar?

Hoje a qualidade da formação do profissional exige muito mais de nossos alunos que apenas uma reprodução das informações que eles receberam em aula. Isto exige uma completa modificação do que se entende por aula e o que se faz durante a aula (MASETTO, 2009, p. 84)

A aula precisa contemplar uma metodologia diversificada, fundada na prática do diálogo, na interdisciplinaridade e no debate argumentado. O ensino precisa contemplar a aprendizagem, ou seja, o professor precisa encontrar caminhos para que o aprendizado se efetive para todos. E além do conteúdo de sua disciplina, o professor deve ensinar o gosto pelo conhecimento e pelo pensar, o senso de justiça, a busca firme da ética e a percepção estética das coisas.

Dentro dessa perspectiva o professor responsável pode, até mesmo, tornar-se uma referência para seus alunos; uma referência humana e de sentido profissional. Enfim, o professor pode tornar-se uma figura marcante na vida de seus alunos.

O professor marcante ensina bem, conhece sua área... O professor marcante geralmente alia características positivas do domínio afetivo às do cognitivo... O professor marcante planeja as suas aulas... O professor marcante articula as posições teóricas na disciplina que ensina com postura política clara... Em resumo, amplia os horizontes próprios e dos alunos, faz-se seguro e incute segurança, busca a verdade a despeito de todas as dificuldades e contingências. Mas, no meio de tudo isso, não é um super-homem ou uma supermulher: tem anseios, dúvidas, medos, inseguranças, sonhos, esperanças e desesperanças (Cf. CASTANHO, 2009)

O professor marcante, isto é, responsável, é acima de tudo um profissional sério, comprometido com a sua escolha existencial e, acima de tudo, é alguém que nutre uma profunda relação de identidade com esta escolha profissional e existencial. Isto significa, de fato, ser professor, não no sentido metafísico, ou seja, alguém pronto e acabado, mas no sentido de que não é alguém que tem na docência um momento meramente transitório.

Considerações finais

Todas as pessoas que vivem no planeta Terra se encontram numa situação de crise, pois como já foi destacado anteriormente, dada a grandiosidade da crise, ninguém escapa – nem mesmo as classes dominantes – do atual projeto de mundo.

Lutar contra a crise é uma decisão firme e radical de todos aqueles homens e mulheres que acreditam num mundo melhor. É dentro deste espírito que deve se colocar o professor responsável. É plenamente possível um professor exercer com muita competência e qualidade técnica as suas aulas sem fazer uma leitura crítica do mundo mas a verdadeira responsabilidade do professor – para além de uma visão tecnicista da profissão – é com a vida humana. Não é possível comprometer-se com o direito à vida, à justiça e à verdadeira igualdade na diversidade, sem criticar o paradigma civilizatório atual. O professor responsável é aquele que também luta pela dignidade de sua vida e da vida do outro.

Como diz, em seu estilo próprio, G. Leakey (*Strategy a living revolution*), Somos criaturas do velho sistema que, não obstante isso, queremos construir o novo sistema: um de nossos programas deve ser nós mesmos (MORIN, 2010, p. 65)

Referências

- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BOFF, L. Que significa crise? **Folha de São Paulo**, 1983, p. 03.

_____ **Ethos mundial.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CASTANHO, Maria E. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, S e CASTANHO, Maria E. (orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** XXI. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999. "Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI"

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância.** Paulo Freire; organização e notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2005.

MASETTO, Marcos T. Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In: CASTANHO, S e CASTANHO, Maria E. (orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____ **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____ **Para onde vai o mundo?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SNYDERS, G. **Feliz na universidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

TELES, Maria L.S. **Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

WANDERLEY, Luiz E.W. **O que é universidade.** 2ª rev. da 9ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.